

Cinema: Woody Allen: tragédia e melodrama ao som de uma Afrodite moderna, por Fernanda Verdasca Botton

Um dos Hinos Homéricos assim descreve o aparecimento de Afrodite: “*O sopro do vento poente fê-la brotar/ Do sussurrante mar, / Por sobre a delicada espuma a impeliu,/ Para Chipre envolta em onda, a sua ilha./ E as Horas engrinaldadas de ouro/ Receberam-na com júbilo. / Envolveram-na em vestes imortais/ E foram levá-la aos deuses.*” Divindade a representar o Amor e a Fertilidade, Afrodite (ou Vênus, para os que preferem denominá-la como os romanos) foi soprada não só para a ilha de Chipre mas também para a imaginação dos artistas que sabem ser o Amor sempre um bom motivo para uma história.

A Imortalidade dessa deusa é tão verdadeira que o diretor de cinema Woody Allen se inspira nela para construir sua “comédia romântica” *Poderosa Afrodite* (Miramax, 1995).

No enredo desta película, os mais descompromissados com a literatura dramática poderão encontrar a divertida história de Lenny. Em crise conjugal com sua esposa Amanda, Lenny procura os verdadeiros pais de seu filho adotivo e se depara com a mãe do menino: Linda Ash, uma prostituta e atriz de filmes pornográficos. Após conhecer Linda, Lenny divide seu tempo entre tentar salvar o casamento com sua esposa e tentar transformar a mãe de seu filho adotivo em uma respeitável e casada cabeleireira.

Os amantes da literatura dramática porém, além do divertido enredo terão como fonte de prazer assistir a uma batalha entre a tragédia clássica e o melodrama do século XIX. No princípio do enredo, Allen traz para seu filme o cenário do teatro grego, mais do que apenas mostrar ao espectador moderno uma bela paisagem, a presença deste cenário, e a ele acrescidos a figura do Corifeu e do Coro, parece salientar que o homem de nossa época, assim como as personagens trágicas da antiguidade, ainda insiste em ser um herói cuja curiosidade e obsessão (espécies de *hybris* trágica) o levam a trilhar a perigosa estrada a caminho da infelicidade destinada aos mortais. É assim que, apesar dos avisos dados por Cassandra (espécie de superego Freudiano mítico-trágico a ver sempre o lado negativo das coisas), Lenny viaja para conhecer Linda e deste modo acaba por deixar sua esposa, Amanda, mais vulnerável ao desejo de traí-lo.

Neste momento do enredo contudo, a fôrma trágica é permeada por elementos pertinentes ao exagero do teatro melodramático. Em seu primeiro jantar com Linda, Lenny encontra na prostituta mais do que a mácula trágica a perseguir a hereditariedade das personagens, o exagero da infelicidade causada por uma mácula social: sua mãe era alcoólatra, seu pai fora traficante, ladrão de carros, assaltante, arrombador e epilético. Mesmo assim, tal qual um herói do teatro do século XIX, Lenny tenta redimir Linda procurando um par amoroso que a possa levar a uma redenção virtuosa. A musicalidade (*melos* do drama) dá o tom ao encontro romântico e assim acreditamos, melodramaticamente, que nossa heroína será feliz.

Porém, à semelhança do teatro trágico ou do melodrama, o homem Lenny é incapaz de mudar o que lhe fora predestinado, caberá então ao diretor escolher entre os deuses da antiguidade ou o deus-ex-machina do século XIX e nos dar a catarse ou a felicidade ao assistir esta “comédia romântica”. A dica de final é o título do filme, aos mais desatentos porém, acrescento o hino de Louis Armstrong escolhido pelo diretor para findar esta belíssima luta teatral: “*When you’re smilin’....keep on smilin’/ The whole world smiles with you / And when you’re laughin’....keep on laughin’/ The sun comes shinin’ through/ But when you’re cryin’.... you bring on the rain/ So stop your frownin’....be happy again/Cause when you’re smilin’....keep on smilin’ The whole world smiles with you*”.